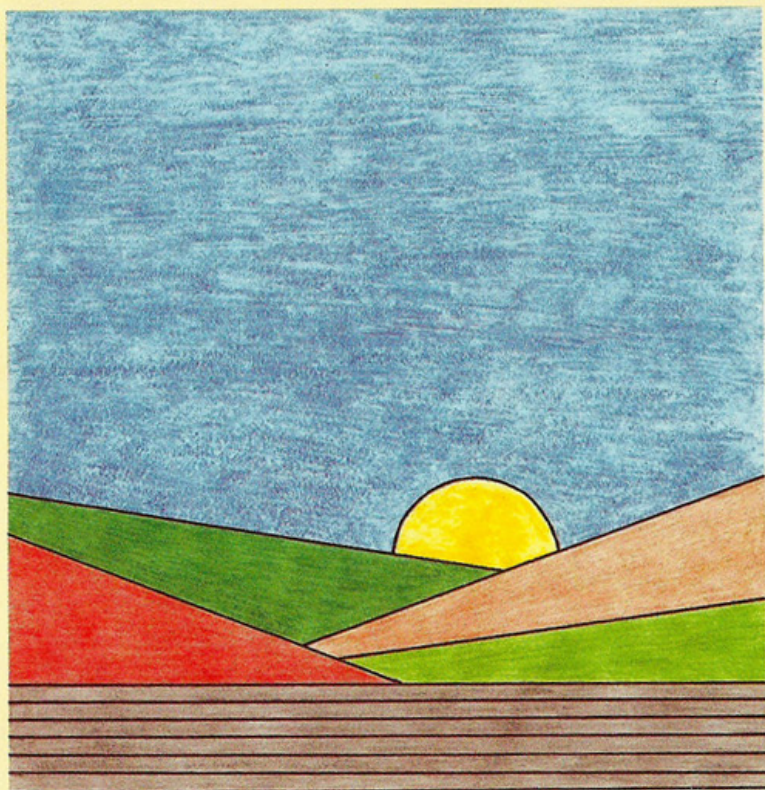


Ives Gandra Martins



GANDRA

# Intemporal Espaço

Clube de Poesia

# **Intemporal Espaço**

**Ives Gandra Martins**

da Academia Paulista de Letras

Prefácio de  
Carlos Nejar

Copyright © 1995 Ives Gandra Martins  
Capa: José Paulo Gandra Martins

## Para Ruth

O INTEMPORAL ESPAÇO DA POESIA.....	4
I - Teus olhos .....	9
II - Um velho soneto.....	11
III - Tu .....	12
IV - Poema louco .....	13
V - Teu olhar.....	15
VI - Caminhada incerta .....	16
VII - O velho .....	17
VIII - Ato Recíproco .....	18
IX - Caminho estranho.....	20
X - A tarde .....	21
XI - Nada sou.....	22
XII - Destino.....	23
XIII - O trinar das rimas .....	24
XIV - Meu silêncio.....	25
XV - À falta de sino.....	26
XVI - O desenho do tempo e do meu verso .....	27
XVII - Pássaros da noite.....	28
XVIII - Versos.....	29
XIX - Domingo .....	30
XX - São Paulo sob chuva .....	31
XVI - Mistério.....	32
XXII - O futuro silêncio.....	34
XXIII - Noite.....	36
XXIV - Tão-somente.....	37
XXV - O teu sorriso .....	38
XXVI - O cansaço do tempo.....	39
XXVII - Cavalos.....	40
XXVIII - Eu.....	42
XXIX - Meu nada .....	43
XXX Rei .....	44
XXXI Tatuagem do Tempo .....	45
XXXII O Universo .....	47
XXXIII Falácia.....	48
XXXIV Às vezes .....	50
XXXV Sempre.....	51
XXXVI Nem sempre.....	52
XXXVII Reflexo.....	53
XXXVIII Nosso amor .....	54
XXXIX Leito.....	55
XL À noite.....	57

## O INTEMPORAL ESPAÇO DA POESIA

“Cada poeta é uma pulsação no rio da tradição, um momento da linguagem. Às vezes os poetas negam sua tradição mas para inventar outra” — escreveu, com justeza, Octavio Paz. E é a tradição, a sabedoria rítmica que rebrilham sob o toque solar da linguagem. Mas é a linguagem a sua própria tradição, porque na jusante do rio é onde as águas mais profundas resvalam.

Ives Gandra Martins não é apenas o jurista de renome nacional. Mas é o homem da palavra, cuja pátria subjaz no coração do homem. E a palavra toma cor, sonho, amor fiel, as feições do tempo e o velho recurso da esperança neste seu admirável Intemporal Espaço Pois de amor e esperança essa poesia se alimenta.

Um livro de poemas tem muito dos livros de imagens da infância. Como se fora “um desenho animado” (Cassiano Ricardo). E Ives — poeta — transporta no verso a carga fluente da metáfora, com preciosos achados:

“Por teus olhos, cor de musgos (...)  
Onde adormecidas bóiam  
As ferrugens dos portões.”

Ou vejam os leitores, como as imagens se entrelaçam e completam, em nodosa maranha:

“O velho mais não sabe o que apascenta.  
Nem nuvens, nem cordeiros, cada passo  
É como um nó que que grita e que  
arrebenta  
Um outro nó que faço e que desfaço.”

Ou, então, verifiquem o alucinado e inventivo ritmo de versos, como estes:

“Por mais veloz que seja, é sempre lasso  
movimento etéreo deste mito.  
Expande-se no cosmos, sem inchaço,  
limite do tempo não descrito.”

Também outro aspecto inebriante do texto gandriano é a sua musicalidade. Ezra Pound observou em *A Arte da Poesia*, sobre o lamento de Francesca, de Dante, asseverando que suas palavras choram corno galhos batidos pelo vento: “Nessun maggior dolore, / che ricordarsi dei tempo felice / nella miseria...”  
Verlaine admitia que “De la musique avant tout chose”.  
A poesia de Ives é sonora, cantante:

“Outrora o mundo do eu pequeno.  
O velho é velho. Ou quase velho.  
Assim espelho o velho velho.”

A repetição obsessiva dos “v” e o encontro entre espelho e velho, com o dobrar redobrado desse ato de encanecer — o poema dói e bate corno um sino. Cantar é ver. Mas ver para dentro das coisas.

Ruth, tão presente no texto, é musa, mulher, amada, símbolo, luz, sombra — inicial e termo do percurso. Corno um círculo. É o poeta não esmorece diante do futuro, nem das lutas e agruras. Pode dizer, como poucos:

“Vejo um porvir no qual amor não falta.”

E esse tom oral de seu processo criador faz retornar “à origem da poesia: a palavra falada” (Octavio Paz). E não é sem razão que certos poemas de Ives são para serem lidos em voz alta. Como se a repetição, a sonoridade ou a fala trouxessem aquele mágico escondido atrás da porta dos símbolos. Lembro, de passagem, os poemas “À falta de sino”, “O trinar das rimas”, “São Paulo sob chuva”, “Cavalos”, o antológico soneto “Nem sempre”, ou o breve, cortante “Sempre”.

Deve o criador, necessariamente, determinar-se em tomo de problemas de construção? Cabe-lhe fazer o seu poema, mesmo com certos elementos da arte poética tradicional. Todavia, o poema não será tradicional — mas um ser vivo, com identidade, nome, silêncios.

E se a poesia é a revelação da beleza, essa beleza há de ser também a revelação do que a exprimiu, a biografia com que ele reflete o universo. Pois a história da poesia é sempre uma história do universo.

Ives Gandra Martins configura essa regra. E como não, se Shelley, na Defesa da Poesia, suscita ser o poeta o verdadeiro legislador do universo ? A fonte do Direito e a, da Poesia brotam da mesma raiz de água da Palavra. A ciência da Poesia trabalha com vigor mágico e a do direito com a relação entre os homens, ocupando, ambos, o território mítico, em que a linguagem estabelece suas leis.

E ser poeta é inventar as leis do próprio verso, ouvindo a voz do poema dentro de si. Como um tambor, o dos primitivos povos e sonhos.

E não buscamos a poesia. Ela nos encontra, nos desafia e com um rosto que nunca deixará de ser coletivo, tece, como o texto de Ives Gandra Martins nos mostra, o fio do intemporal espaço.

Paiol da Aurora, 20 de setembro de 1995.

Carlos Nejar

(Poeta gaúcho, radicado no Espírito Santo.  
Também é crítico e ficcionista. Pertence à  
Academia Brasileira de Letras.)

# **Intemporal Espaço**

# I

## Teus olhos <sup>1</sup>

Teus olhos são imenos lodaçais  
No fundo dos grandes lagos,  
São os musgos seculares  
Dos troncos parasitados.

E o canto enferrujado  
Das ferrugens de portões,  
No silêncio dos jardins,  
Bóia, mudo, por teus olhos.

Imensos lodaçais estagnados,  
Passados, repassados, trespassados,  
Os séculos dos lagos,  
Lagos grandes,  
Ouvindo a eternidade,  
Estagnados.

---

<sup>1</sup> Publicado na coletânea 50 Poetas do Clube de Poesia (Clube de Poesia/  
Unibanco, 1995), edição comemorativa dos cinquenta anos da Geração de 45.

Os musgos seculares remontando  
Enormes árvores, que o tempo encurva,  
Os musgos se infiltrando,  
Varando e revarando  
Os troncos engrossados,  
Pelas árvores.

E os teus olhos,  
Cor de musgos,  
Cor de imensos lodaçais,  
Estagnando o lago dos meus olhos,  
Parasitando o tronco de meu corpo,  
Cantam o canto enferrujado  
Das ferrugens dos portões.

Eis minha canção de sempre,  
A canção verde marrom  
Da conquista e da indolência,  
Cujos sons são silentes,  
Por teus olhos, cor de musgos,  
Cor de imensos lodaçais,

Onde adormecidas, bóiam  
As ferrugens dos portões.

27/07/55.

## II

### Um velho soneto

O velho dimensiona um novo tempo,  
Sem espaço, sem vida, sem mais nada.  
Quem pensa nele ver sombra e relento  
Encontra uma saudade desfraldada.

O velho mais não sabe o que apascenta  
Nem nuvens, nem cordeiros, cada passo  
É como um nó que grita e que arrebenta  
Um outro nó que faço e que desfaço.

O velho sou eu mesmo. Ou não serei?  
Fundamento de sempre. Sempre e  
sempre.  
Quem ama só descobre amor de rei,  
Por estepes de lua e de serpente.

O velho dimensiona um novo tempo.  
Um tempo temperado no. destempo.

01/01/60.

### III

## Tu

Tu és aquela que não fica triste,  
A sinaleira dos caminhos retos,  
De olhos serenos, como os astros quietos,  
No claro rumo que, sonhando, abriste.

Tu és aquela que, em silêncio, viste  
Os bons costumes serem, por discretos,  
Em fel tismados — males indiretos —  
De alma tranqüila como não existe.

Tu és aquela que jamais se importa,  
Quando enganada a luz de Deus te  
assiste.  
Teu coração, meigo jardim de afetos,

Sendo da vida uma risonha porta,  
Te faz aquela que não fica triste  
A sinaleira dos caminhos retos.

01/07/68.

## IV Poema louco

*Para Mário Chamie*

O tempo se desfaz,  
Serena lesma  
Em paz.  
A vida mesma  
Corre em gás e torna esma  
A incapaz  
Num ás de más.

Sou eu que me descubro  
Rubro e louco,  
Como há pouco inteiro cubro  
Distante e rouco  
O mês de outubro.

Um gás sem mas  
A paz sem ás  
Um cubro rubro  
Descubro outubro  
Em louco pouco.

A paz de lesma,  
A vida mesma,  
Outubro pouco  
E um rubro louco.

01/01/94.

## V

### Teu olhar

Teu olhar perfurou o meu sorriso,  
Esfrangalhando o canto apocalíptico,  
Com a ,força forjada em outro piso,  
Em pintura isolada ou vista em tríptico.

Dilacerado o cerne de minha alma,  
Teu olhar se espalhou na carne nua,  
Sanguinolenta e estanque, em muita calma,  
Como a passada vida pela lua.

Teu olhar toledano, feito espada,  
Não permitiu suspiros e nem magoa.  
Derrubou meu aprumo pela escada,  
Que afundava num triste mar sem água.

Teu olhar decompôs o tempo espaço,  
Que eu construía há muito, passo a passo.

02/01/94.

## VI

### Caminhada incerta

O sentido da luz descobre o espaço  
E a solidão do céu fere o infinito.  
Há sombras pelo eterno em cada passo  
Que cria no Universo o próprio rito.

Por mais veloz que seja, é sempre lasso  
movimento etéreo deste mito.  
Expandem-se no cosmos, sem inchaço,  
O limite do tempo não descrito.

A terra mal desvenda a própria idade  
E a vida, que hospedada na distância,  
Se perde pelas brumas recoberta.

O mistério solver não há quem há de  
Só Deus, a quem pertine, última instância,  
Julgar a caminhada mais que incerta.

10/01/94.

## VII

### O velho

O velho encontra a forma.  
A reforma infirma o velho.  
Espelho este retrato num só ato.  
Mal sensato  
O próprio fato  
Que ora espelho.  
Eu do Espaço. Sempre lasso. Mal  
escasso.

Desfeito o passo,  
Que repasso, no mormaço  
Feito d'áço.  
Eu pequeno.  
Destempo ameno. Sem sereno a noite.  
Não descobre o Reino-reno,  
Outrora mundo do eu pequeno.  
O velho é velho. Ou quase velho.  
Assim espelho o velho velho.

13/01/94.

## VIII

### Ato Recíproco

O amor não é um ato recíproco.  
É apenas um ato altruísta  
Isolado em sua essência  
E quase sempre ignorado.

Se, algumas vezes, é recíproco  
Na coincidência tem raiz.  
Querer o bem do outro é pouco humano,  
Por isto o amor não é tão simples  
E fere de tanto em tanto  
A natureza das coisas.

O egoísmo da posse desejada  
Traz no máximo  
A imagem do amor desfigurado,  
Em que o “ter” vale bem mais do que o  
“ser”

E o “ser”  
Se desfaz  
sem ter nascido.

O amor, quando ele é puro,  
Encanta sempre  
E entristece  
Se, na impureza do outro,  
Não descobre o porto amigo.

Nem por isto desfalece,  
Porque o amor  
Jamais é um ato recíproco.

15/01/94.

## IX

### Caminho estranho

O coração para, às vezes,  
E não distingue  
Seu horizonte.  
Perde-se nas dúvidas do passado  
Desconhece o fluxo presente  
Sem vislumbrar as névoas do futuro.

Somente o nada sou  
Restabelece  
A harmonia interior  
E sinaliza  
Um caminho que nunca dominei,  
Mas do qual nunca desisti.

18/01/94.

## X

### A tarde

A tarde chuvosa  
Relembra o passado.  
O dia retém  
A vida presente.  
O susto do vento  
Descobre a incerteza  
Do tempo futuro.  
Assim resto pasmo,  
Com olhos abertos  
Buscando o cenário  
De um outro cenário  
Atrás colocado  
De meu panorama.  
A tarde chuvosa  
Relembra o passado  
E o dia retém  
A vida presente.

20/01/94.

# XI

## Nada sou

Mistério da noite triste  
Não sei como desvendar  
Meu coração nunca viste  
Mesmo em noites de luar.

A verdade não resiste  
Ao torpor do relembrar.  
Na planície o tempo insiste  
Em procurar sempre o mar.

Sinto agora mais cansaço.  
A incerteza de meu passo  
Não repara o teu momento.

Teu silêncio no deserto  
Faz-me assim tão descoberto.  
Nada sou, nem represento.

05/02/94.

## XII

### Destino

Vou correr pelo infinito,  
Sem estrelas no meu canto,  
Meu coração tem seu rito  
Que me causa sempre espanto.

O verão por acalanto  
Traz um tom bem esquisito,  
Mas não chega no recanto  
Que formatei neste mito.

Sou eu que assim me desfaço  
Recolhendo a cada passo  
O tempo desde menino.

Nada sobra nesta tarde,  
Solução um sol que não arde  
Esculpindo meu destino.

10/02/94.

## XIII

### O trinar das rimas

Teu encanto faz meu canto,  
No recanto, que acalanto,  
Sem espalito e sem ser santo,  
Que no entanto tem seu tanto.

Teu olhar de Trafalgar,  
No piscar para afagar  
E afogar a lua par,  
Gera o lar do mar âmbar.

Teu antiste muito triste,  
Mal resiste o que me assiste,  
Dedo em riste, que não viste.  
Repetiste o som de Liszt.

Teu amor nasceu com dor  
E incolor no seu ardor.

01/03/94

## XIV

### Meu silêncio

O meu silêncio é a voz dá madureza  
Que cobre a densidade. de meu verso.  
tempo neste tempo é só presteza  
No passo calmo e lento do Universo.

O meu silêncio é a voz que me conduz  
Nos caminhos despertos para o Eterno.  
Tem agora o contorno de uma cruz  
Que torna primavera mesmo o inverno.

O meu silêncio é a voz do meu descanso  
Repleto de trabalho e muita luta.  
Alguém que sempre foi fez meu avanço  
E continua assim na minha escuta.

O meu silêncio é a voz de meu futuro,  
Que torna muito claro o que era escuro.

14/02/94.

XV  
À falta de sino

Nesta Sexta-feira Santa,  
Meu coração vive a cruz,  
Coberto na triste manta,  
Que de propósito pus.

A verdade não espanta,  
O sonho que me conduz,  
Canta a vida, canta, canta,  
Numa explosão só de luz..

Nesta Santa Sexta-feira,  
Descubro mais uma vez,  
O Senhor de meu destino,

E minh'alma sempre à beira  
Faz o mesmo que já fez,  
E reza à falta de sino.

01/04/94.

## XVI

### O desenho do tempo e do meu verso

O desenho do tempo faz-se escasso.  
O sonho atemporal morre no asfalto  
E a vida nunca encontra seu espaço  
Ferindo duramente o ser incauto.

A eternidade foge a sobressalto.  
Do triste fenecer a cada passo.  
sacrifício que se põe tão alto  
Torna o fim menos fero e sempre lasso.

O começo descobre o indescoberto  
o véu de tudo muda-se em mistério,  
Neste mundo desfeito sem império.

O tempo pelo espaço jaz deserto,  
Mas pode ajardinar todo o universo  
No destilar de meu modesto verso.

01/01/95.

## XVII

### Pássaros da noite

Pássaros da noite.  
Nada mais.  
Os sonhos morrem sempre de manhã.  
Descortiná-los  
Quem há de?  
Se os sonhos foram feitos para a noite,  
Descortiná-los quem há de?  
Saudade.  
Nada mais.  
Nada. O cais de tudo faz-se  
Força do universo  
Da minha pequenez.  
Por isto amo  
os pássaros da noite,  
Que voam no meu cérebro  
Sem asas temporais.

08/01/95

## XVIII

### Versos

Os troncos parasitados  
Revelam rugas do tempo  
Num espaço sem respaldo  
Coberto de calma e vento.

Meu corpo, refeito o espanto;  
Foge às cores do anterior,  
Ganha vida, em novo canto,  
Tisnado em tom incolor.

Os musgos descobrem nódoas  
Nas veias do som silente  
Que desvendei no teu sonho.

Os ramos que agora podas  
Formam bouquet diferente D  
Dos versos que te componho.

15/01/95.

## XIX

### Domingo

Fim de domingo.  
A noite espanca o calor  
E sobrevive  
Até o dia seguinte.  
O silêncio desfaz buzinas  
E barulhos da cidade,  
Mas não o ruído interno  
Que corrói  
Os peitos dilacerados  
Dos que vagueiam na noite.  
Tudo insone,  
O telefone  
Queda silente.  
— Há muito tempo que eu o quero  
inútil —.

Quero sonhar,  
Quando dormir,  
E repousar a noite inteira  
Para o amanhã,  
Pois na segunda  
Recomeço  
A eterna luta.

22/01/95.

## XX

### São Paulo sob chuva

O panorama cinza da janela  
Ostenta gotas límpidas de chuva,  
Em face à luz translúcida, amarela,  
Que calça minha sala como luva.

Um bíblico dilúvio, todo o mês,  
Alaga esta cidade de Babel.  
O Sol, atimidado, vez por vez,  
Projeta seu calor atrás do céu.

Protejo-me na música e leitura  
Da fera natureza, em minha casa.  
A lira corre sempre mais escura  
E a inspiração se perde, sem ter asa.

Há quanto tempo não vislumbro clara  
A tarde, imersa em líquida seara.

19/02/95.

## XVI Mistério

O mistério da vida.  
A projeção do Universo  
Faz  
Do tempo e do espaço  
Um sonho indescoberto.

-A origem de tudo  
Quem há de descobrir?  
Deus  
Está na origem de tudo,  
Mas o homem  
Nem percebe  
A conformação desta vontade  
Que fez o mistério da vida  
E a origem de tudo.

Sei,  
Firmemente,  
Quem fez  
Porque noto a presença,  
E neste ponto  
Finda o meu conhecimento.

Quem há de descobrir  
As explicações elementares  
De tudo o que conhecemos  
Que é quase nada,  
Pois a nossa razão  
Não atinge  
Nem o começo, nem o fim  
De qualquer indagação.  
Só a fé.  
Mas a fé não é virtude de muitos,  
Por isto,  
Descompassado,  
Fico estupefato  
Perante o mistério da vida,  
a origem de tudo  
e a projeção do Universo,  
porque sei  
Que o que não sei  
Deus sabe por mim.

18/02/95.

## XXII

### O futuro silêncio

A aventura do livro.  
Renasce  
A vontade de ler  
E fenece  
A saudade do ser.

A tempestade interior  
Descortina  
O futuro silêncio,  
Que descerá  
Sobre mim e o Universo.

Os espaços galáticos,  
Um dia, acabarão  
E o tempo decomposto  
Morrerá na eternidade.

O que restará  
Do que foi e não será?  
A aventura do livro  
Também acabará.

E o presente no futuro  
Ao passado igualará.

O reflexo transcende  
A ponte de meu mundo  
a penumbra de teus olhos,  
Única luz  
Que me guia nesta estrada  
Surpreendente do Senhor.  
A volta ao verso senil  
Não- descobre a poesia,  
Mas abre campo de sonho  
Para mim  
E para os meus.

A aventura do livro  
Cria horizontes,  
Mas perco-me, de novo,  
Nesta busca,  
Que é minha e que é de todos,  
A busca da final explicação  
Que faz da morte nova vida,  
Sem lamentos, sem tristezas, sem remorsos.

25/02/95.

## XXIII

### Noite

No silêncio da noite e da distância,  
Revejo, lasso, as cenas do passado,  
Que recomponho, instância por instância,  
Até formar o círculo quadrado.

O contraste que o tempo redescobre  
Desfaz o sonho cálido d'antanho,  
Redesenhando em seu perfil mais nobre,  
Destaque entre as ovelhas do rebanho.

Repensar de que vale? Nada valho,  
Nada sou, nada quero, nada posso.  
O próprio verso que, no tempo, espalho  
Não sei se continua sempre nosso.

O começo do fim que principia,  
Na busca de um eterno novo dia.

07/03/95.

## XXIV

### Tão-somente

O frio já penetra a eterna curva  
Do descendente tempo dos sessenta.  
A imagem do passado, já mais turva,  
O sonho do presente não esquentá.

Os passos mais tranqüilos e cansados  
Retraçam, cada dia, seu caminho,  
Como os gregos vivendo parques fados,  
Sem consolo sequer do franco vinho.

Os frutos não são todos tão maduros,  
Alguns sendo mais verdes que a estação.  
A voz acompanhante por sussurros  
As queixas esparrama, sempre em vão.

Manter no caminhar serena a mente  
É o rumo que me resta tão-somente.

21/04/95.

## XXV

### O teu sorriso

O teu sorriso.  
Há quantos anos procuro desvendar  
O teu sorriso!

É bem mais fácil,  
Fantasticamente mais fácil  
Descobrir  
O que se esconde. atrás  
Da bela de Da Vinci.

O teu sorriso  
Está sempre de meu lado  
E não penetro  
No imenso divagar  
De teu sorriso.

Teus olhos, muitas vezes, eu desvendo.  
O teu sorriso, nunca.  
Há quanto tempo estás tu do meu lado!  
Há quanto tempo vejo o teu sorriso!  
Por quanto tempo não desvendarei  
Este mistério  
Profundo, límpido e sereno  
De teu sorriso.

## XXVI

### O cansaço do tempo

O cansaço do tempo já desfeito,  
Transparece nas páginas d'antanho,  
Um cansaço explosivo no seu leito,  
Que do tempo distende seu tamanho.

A pétrea descoberta nada cresce,  
Imutável caminho pelo espaço,  
Girando sementeiras sem ter messe,  
Num cântico atonal, embora escasso.

A estrada sempre morre na estalagem,  
Serena, mesmo intensa a tempestade,  
Há muito que não sopra mais aragem  
Que o verso descobrir não sei quem há de.

O cansaço do tempo faz-se imenso  
Que não sei mais pensar no que já penso.

07/05/95.

## XXVII

### Cavalos

“Cavalos já foram pombos”  
(Domingos Carvalho da Silva)

Cavalos cavalgam nuvens,  
Cavalgam nuvens d’antanho,  
Nuvens d’antanho despertam  
Cavalgadas sem tamanho.  
Cavalos cavalgam sombras,  
Cavalgam sombras sem fim,  
Sombras sem fim descortinam  
Cavaleiros no jardim.  
Cavalos cavalgam mares,  
Cavalgam mares redondos,  
Mares redondos desvendam  
Cavalos que foram pombos.  
Cavalos cavalgam campos,  
Cavalgam campos e montes,  
Campos e montes despencam,  
Cavalos cavalgam fontes.  
Cavalos cavalgam tempos,  
Cavalgam tempos de fada,  
Tempos de fada descobrem

Cavalos na madrugada,  
Cavalos cavalgam noites,  
Cavalgam noites de espaço,  
Noites de espaço despontam  
Cavalos mordendo o passo.

Cavalos cavalgam sempre,  
Cavalgam sempre. sem rito,  
Gerando, seus cavaleiros,  
Cavalgadas no infinito.

04/06/95.

## XXVIII

### Eu

Eu sou aquele que te quer, na vida,  
Com um querer sereno e sem limite,  
Que permanece, mesmo se a descida  
Os anos mostre para quem os fite.

Eu sou aquele que nasceu p'ra ti,  
Sem perquerir a tua concordância,  
Correndo o risco que sempre corri,  
Nas minhas lutas desde a prisca infância.

Eu- sou aquele que descobre estrelas  
No teu olhar que o mundo não descora,  
Acalentando sonhos, por retê-las,  
Passado tempo, que se faz de agora.

Eu sou aquele que, no eterno espaço,  
Junto de ti caminha, passo a passo.

05/07/95.

## XXIX

### Meu nada

Permanece o conflito da vontade  
Que ao coração se opõe sem evidência,  
Descortinando o som da eternidade  
Na cor desta silente reticência.

Macula o coração rude dilema,  
Por vontade afastado toda a vez,  
E se reveste este confronto em tema,  
Ferindo meu repouso cada mês.

Vontade e coração, d'alma o perfil  
Retraçam na pequena solidão,  
A luta faz-se grande, faz-se vil,  
Pois que a vontade opõe-se ao coração.

Subo na vida em temporal escada  
Que mal esconde a sombra de meu nada.

06/08/95.

XXX  
Rei <sup>2</sup>

Nasci rei de um reinado sem rei,  
Num castelo sem cor e sem ponte,  
Meus comandos nos quadros da lei  
Mergulharam na cálida fonte.

Meus soldados de escudo no braço,  
Nunca espada tiveram na mão,  
Os tambores batidos no espaço  
Percutiram lembranças em vão.

A princesa do rei tão silente  
No castelo vivia sem dor  
Mas o reino do rei diferente  
Tinha a cor do castelo sem cor.

Nasci rei de um reinado sem rei,  
Sem comando, sem povo e sem lei.

14/03/95.

---

<sup>2</sup> A série de poemas XXX a XXXIX foi publicada na coletânea Poemas (LTR Editora, 1995), com poesias de Geraldo Vidigal, Miguel Reale, Oscar Corrêa e Saulo Ramos.

XXXI  
Tatuagem do Tempo

Para Fúlvia de Carvalho,  
autora do livro Tatuagem.

A chuva atomiza o céu,  
Que, chumbado,  
Despenca, baixo,  
Sobre uma terra alagada.

A seca foi tão severa,  
Mas tisonou apenas  
O pretérito do tempo.

Hoje, o torrencial das nuvens  
Encharcou o solo  
Anteriormente dilacerado  
Por um sol calmo e cruel.

Assim, na vida,  
Muitas vezes, a aridez  
Cede à força da paixão,  
Deixando marcas  
Do tempo  
Na carne e no coração.

Apenas o homem sábio  
Sabe aproveitar  
As agruras da estiagem  
Ou a força da inundaçãõ,  
Não se deixando marcar  
Pela tatuagem do tempo.

05/02/95.

## XXXII

### O Universo

Um soneto desfeito por inteiro,  
Na penumbra do tempo sideral,  
A transformar o cosmos num vespeiro  
De corpos do Universo, cor de sal.

A noite em pontos brancos ganha espaço,  
O silêncio expandindo-se na luz,  
Que o infinito descobre a cada passo  
E o cristão no mistério de uma cruz.

As novas, na explosão, geram o pulso,  
Que mede a dimensão do campo astral.  
Assim eu resto, pasmo sem impulso,  
Medindo pelo bem o fim do mal.

O Universo na origem sem limite  
Espanto cansa a mim, por mais que o fite.

07/01/95.

## XXXIII

### Falácia

A falácia imaterial.

No sucesso ou no fracasso,  
A falácia por igual.

O sal,  
Cardeal do mal,  
Pode gerar no quintal  
O passo que repasso,  
Buscando o bem que não faço  
Num arsenal que não peço  
E nem meço.

A falácia intertemporal  
Faço e refaço no escasso  
A falácia espacial.

Nada obstante o fracasso  
Nesta luta desigual,

Laço, bem lasso, o regaço  
Num avental cor de cal.

A falácia.

Quanta falácia! Quanta falácia!

Ó falácia imaterial!

18/03/95.

XXXIV  
Às vezes

Às vezes nem tempo tenho  
Para escrever uma linha  
E o peso de estranho lenho  
Traz a lembrança que tinha.

Às vezes curvo-me, lasso,  
Sem esperança e sem nada,  
Procurando um novo espaço  
Para uma nova balada.

Às vezes, nem sei se, às vezes,  
Vale a pena meu trabalho,  
Mas continuo nos meses  
Fazendo versos que espalho.

Às vezes paro espantado,  
Sem ter você de meu lado.

19/01/94

XXXV  
Sempre

Todos os tempos  
Todos os ritmos.  
Nunca a destempo  
Cantos marítimos  
Ode da tarde  
Salmo da noite  
Ventos que ardem  
Como um açoite.  
Não sei que faço.  
Não sei se vale  
Cubro um espaço  
Descubro o vale.  
O rio corta  
O morro agreste  
A mente entorta  
A roia Leste.  
É tudo o mesmo  
E tudo é nada.  
Versejo a esmo  
Sem capa-espada  
Sou sempre assim,  
Pobre e macabro,  
Mas do jardim  
A porta eu abro.

XXXVI  
Nem sempre

Nem sempre o dia que corre,  
Corre como desejamos  
Como ele nasce, ele morre  
Deixando flores sem ramos.

Nem sempre o dia descobre  
A verdade procurada,  
Mas tem um toque de nobre  
Sem futuro e sem mais nada.

Nem sempre a noite me encontra  
Após um dia, cansado,  
Esguia como uma lontra  
Não tendo forma, nem lado.

Nem sempre sou o que quero  
Nem por isto desespero.

21/01/94.

## XXXVII

### Reflexo

“Eu te amarei boje e sempre”  
Escrevi quando menino.  
Hoje já velho e cansado  
Repito o canto pretérito.  
“Eu te amarei.hoje e sempre”.

O tempo desfaz as forças,  
Mas não desfaz o que é forte.  
O tempo se torna breve,  
porém o querer eterno  
Refaz as forças que restam.

“Eu te amarei hoje e sempre”.

Jaguariúna, 14/01/94.

XXXVIII  
Nosso amor

O descompasso fere o pastoreio,  
O pastoreio pasce o verso inculto,  
verso inculto gera o teu receio  
o teu receio torna-se meu vulto.

E meu amor explode a cada passo,  
A cada passo busco-te, desperta,  
Desperta em ti a síndrome do espaço,  
Do espaço aberto em tua vida certa.

O tempo cria formas ao relento  
E ao relento descubro teu encanto  
O teu encanto eu sempre reinvento  
E reinvento o timbre de meu canto.

Não há quem, no silêncio, não escute  
O nosso amor sem fim, querida Ruth.

29/01/95.

## XXXIX

### Leito

A prece desce  
Não intumesce,  
O espaço d'ação  
Mal desconhece,  
No solo a messe  
Num passo lasso.

Sou sempre o mesmo,  
Pão e torresmo  
Pelo caminho.  
Caminho a esmo,  
Num passo lesmo  
Sem pão e vinho.

Teu sonho intenso  
Deixa-me tenso  
E faço o verso.  
Descubro incenso  
No toque imenso  
Deste universo.

Paro, desfeito,

A dor no peito  
Não gera dor.  
Transponho o leito,  
Onde me deito  
Com meu amor.

02/04/94.

## XL À noite

Quando te fito pela noite adentro,  
Neste sossego que tua alma exalta,  
Vejo um passado que não foi cruento.  
Vejo um porvir no qual amor não falta.

Resta o presente fruto do noturno,  
Que salmodia a noite para ti,  
Pescando estrelas por um mar soturno,  
Cheio de sons que nunca iguais ouvi.

A juventude faz-se mais distante,  
Mas tu revelas sempre o mesmo encanto,  
Como a balada nobre de um infante,  
Descubro-te Senhora de meu canto.

Quando te fito à noite adormecida,  
Percebo que tu és a minha vida.

18/09/95.